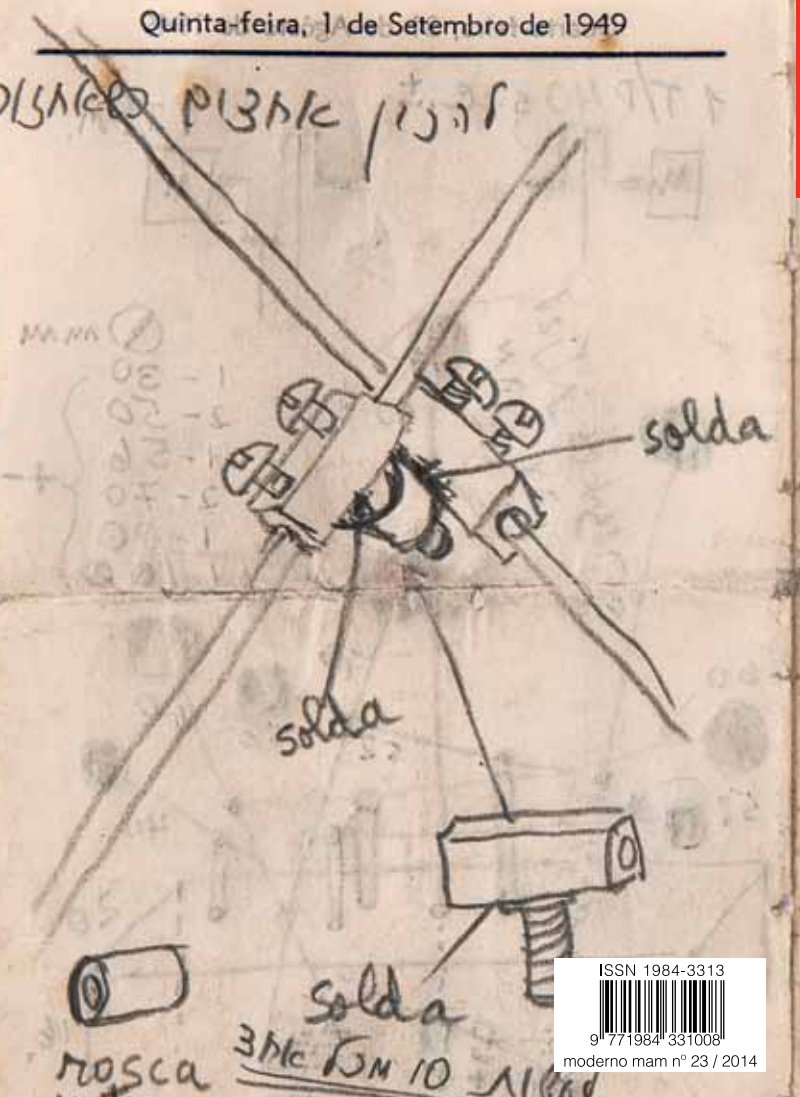
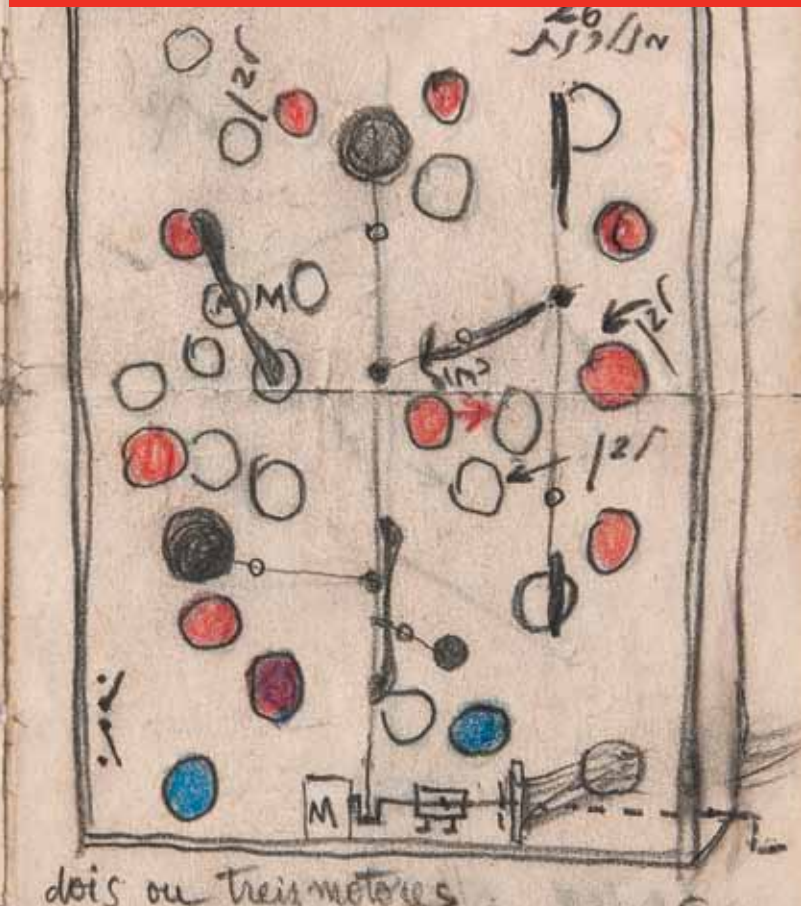
Quinta-feira, 1 de Setembro de 1949



ISSN 1984-3313
9 771984 331008
moderno mam nº 23 / 2014

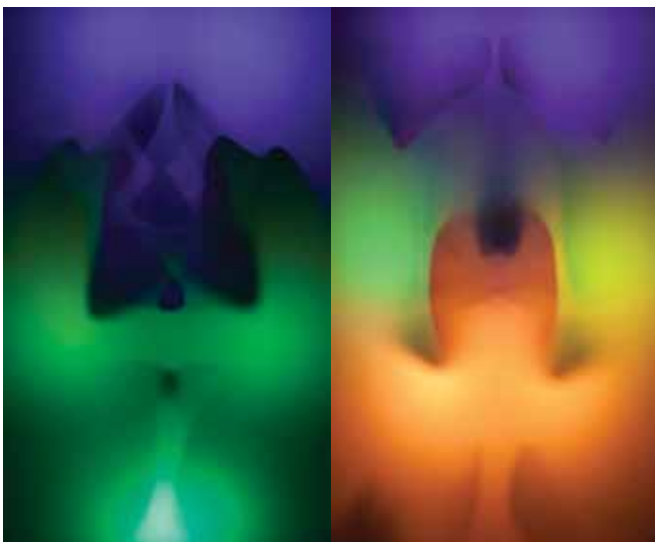
Moderno**mam**

distribuição gratuita/venda proibida jul/ago/set/2014



Pintando com luz

Retrospectiva de Abraham Palatnik mostra diversas faces do pioneiro na arte cinética



Uma exposição de Palatnik tem um quê de oficina. Caixas de fórmica, ímãs, engenhocas mecanizadas, luzes que acendem e apagam em ritmo alternado são vistos junto com peças de mobiliário e alguns quadros. Tudo isso é pintura. Ou melhor, a reinvenção da pintura.

Palatnik entendeu que o campo da pintura se estendia além das telas e dos pincéis quando conheceu a arte dos pacientes psiquiátricos da dra. Nise da Silveira, no Rio de Janeiro dos anos 1940. "Pensava que eu era um artista formado. Resolvi começar de novo. A disciplina escolar,

Abraham Palatnik (Natal, RN, 1928), *Aparelho cinecromático*, 1969/86. Madeira, metal, tecido sintético, lâmpadas e motor, 111 x 68,5 x 20 cm. Coleção MAM São Paulo, aquisição Fundo para aquisição de obras para o acervo MAM – Pirelli. Foto: Edouard Fraipont

de ateliê, não servia para mais nada", conta o artista.

Era chegado o momento de trocar o ateliê pela oficina, onde porcas e parafusos se tornaram peças essenciais ao funcionamento de mecanismos que colocavam suas composições em movimento. O resultado desses experimentos foi mostrado pela primeira vez em 1951, na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, organizada pelo MAM.

O aparelho cinecromático, que Palatnik apresentou naquela ocasião tornou-se um dos marcos da arte cinética no mundo. Mas causou inicialmente certo desconforto. O júri que selecionava as obras da exposição não recebeu o trabalho muito bem. "Não era pintura, nem escultura, não dava para encaixar", comenta o artista. Porém, dias depois, em virtude da ausência da delegação do Japão, o *Cinecromático azul e roxo em primeiro movimento* foi incluído na Bienal, e acabou ganhando menção honrosa do júri internacional.

Palatnik virou referência de um novo tipo de arte, que associava elementos da pintura e tecnologia rudimentar na produção de objetos intrigantes, até engraçados. O crítico de arte Mário Pedrosa disse, na época, que Palatnik realizava pintura com luz. Com isso, queria dizer que o artista pintava com lâmpadas, circuitos e energia elétrica.

As peças exibidas em *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura* evidenciam dois aspectos importantes da obra do artista: a maneira como ele explora o tempo e a sua ligação com a indústria. O movimento no espaço ativado por vários trabalhos seus promove uma suspensão do tempo que dita o ritmo das atividades cotidianas. Tudo se torna mais lento, delicado e preciso quando se é deslocado para um espaço sem referências.

O interesse pela mobilidade se manifesta na obra bidimensional de Palatnik. Nos *Relevos progressivos*, dos anos 1960, o sequenciamento dos cortes na superfície do material – cartão, metal ou madeira – cria ondas que variam dependendo da profundidade e da posição, constituindo sua própria dinâmica. Na década seguinte, o artista explora o mesmo procedimento na série *Progressões*, onde as "pinturas" são formadas por faixas de jacarandá arranjadas ritmicamente em sequências de lâminas finíssimas ou ainda por faixas de resina de poliéster cuja transparência contribui para ampliar a ideia de espaço.

Abraham Palatnik literalmente dinamizou a arte concreta, integrando-a à vida cotidiana por meio do mobiliário. Em 1954, criou com seu irmão a fábrica de móveis Arte Viva, que funcionou até meados da década seguinte. Foram produzidos vários tipos de mesas com tampos de vidro pintados pelo artista, além de poltronas, cadeiras e sofás. Na década de 1970, os irmãos inauguraram a Silon, que produziu em larga escala objetos de *design* tendo animais como tema. A experimentação que guiava o trabalho no ateliê foi deslocada para a fábrica. ■

onde e quando

Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura

Onde: Grande Sala
Quando: 02/07 a 15/08
Patrocínio: Banco Safra
Apoio: Biolab

Abraham Palatnik (Natal, RN, 1928), *Objeto cinético CK-8*, 1966/2005. Tinta, madeira, fórmica, metal, motor e engrenagens, 120 x 40 x 40 cm. Coleção do artista. Foto: Vicente de Mello

Abraham Palatnik (Natal, RN, 1928), *Mesa*, década de 1950. Tinta friável sobre vidro, 36 x 72 x 72 cm. Coleção do artista. Foto: Vicente de Mello

Entre tecidos e traquitanas

Palatnik inspira exposição com peças da coleção do MAM

A obra de Abraham Palatnik é uma fonte permanente de inspiração. Ainda que não preocupados em seguir uma motivação construtivista ou discutir os limites da pintura, artistas de várias gerações se identificam com o tratamento que Palatnik dá à cor, explorando-a na materialidade dos objetos e na maquinaria caseira das engenhocas.

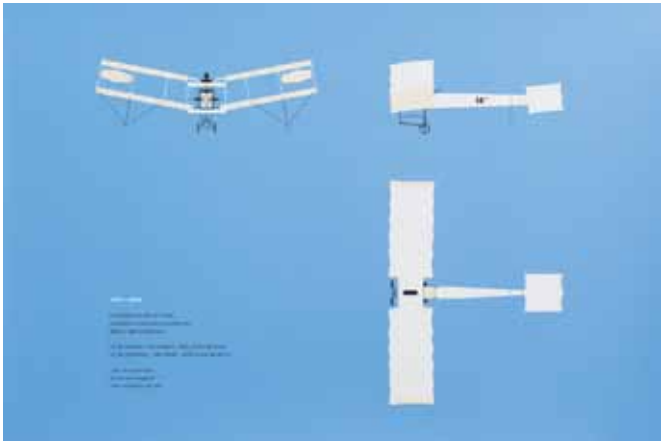
A exposição *Diálogos com Palatnik* tem como ponto de partida o conceito expandido de pintura, associado ao uso de técnicas simples na manufatura de objetos que dificilmente encontrariam lugar em um mundo utilitário. As obras reunidas na exposição são feitas de pregos, barbante, etiquetas adesivas, tecidos e tapetes industrializados, elementos incomuns na longa história da técnica da pintura.

Na curadoria de Felipe Scovino, nomes como Leda Catunda e Mary Vieira, frequentemente associados à pintura, aparecem ao lado de outros como Guto Lacaz, Paulo Nenflidio e o coletivo Chelpa Ferro, conhecidos como artistas inventores.

Entre tecidos e traquitanas, emerge um aspecto um tanto esquecido na arte contemporânea: a artesania. Vindas da oficina ou do ateliê, as obras que integram *Diálogos com Palatnik* têm algo em comum com as do mestre: são fruto de um trabalho manual meticuloso, no qual se utiliza uma tecnologia simples para atrair o visitante a uma experiência estética do espaço.■

onde e quando

Diálogos com Palatnik
Onde: Sala Paulo Figueiredo
Quando: 02/07 a 15/08



Guto Lacaz (São Paulo, SP, 1948), *Centenário do vôo do 14 Bis 1906/2006*, 2005. Serigrafia colorida sobre papel, 40 x 60 cm. Coleção MAM, doação do artista por intermédio do Clube de Colecionadores de Gravura MAM. Foto: Renato Parada

Jac Leirner (São Paulo, SP, 1961), *Cem temas, uma variação*, 2001. Etiquetas adesivas, vidro e polipropileno, 20 x 44 x 8,3 cm. Coleção MAM, doação do artista por intermédio do Clube de Colecionadores de Gravuras MAM. Foto: Edouard Fraipont

José Leonilson (Fortaleza, CE, 1957 – São Paulo, SP, 1993), *Cheio, vazio*, 1993. Bordado e costura sobre voile e tecido de algodão, 54 x 49 x 2 cm. Coleção MAM, doação Bayer S.A.. Foto: Romulo Fialdini

Corredor de memórias

A história social do Brasil é feita de interações. Pessoas de diversas etnias, procedentes de vários lugares do mundo, interagem na construção do povo brasileiro. São Paulo é o epicentro disso. Em seus 460 anos de existência, a cidade não para de acolher imigrantes.

Carmela Gross é filha de um deles. Interessada em descobrir como sua família paterna chegou a São Paulo, a artista consultou o Arquivo Público do Estado. A pesquisa despertou sua curiosidade pela história de outras famílias. Nomes, idades, países de origem se materializaram em placas esmaltadas, como as que ainda se vêem nas ruas, com dados de imigrantes que chegaram ao longo do século XX.

A rua em que Carmela transformou o corredor de ligação do MAM também é sinalizada com nomes de bairros, cidades e acidentes geográficos, todos indígenas. O idioma tupi está esquecido, mas a herança indígena ainda está presente no cotidiano de milhões de pessoas. ■

onde e quando

MARAPÉ

Onde: corredor de ligação

Quando: 02/07 a 14/12

Carmela Gross (São Paulo, SP, 1946), *MARAPÉ*, 2014. 532 placas metálicas esmaltadas, medidas variáveis. Imagem da artista

Entre livros

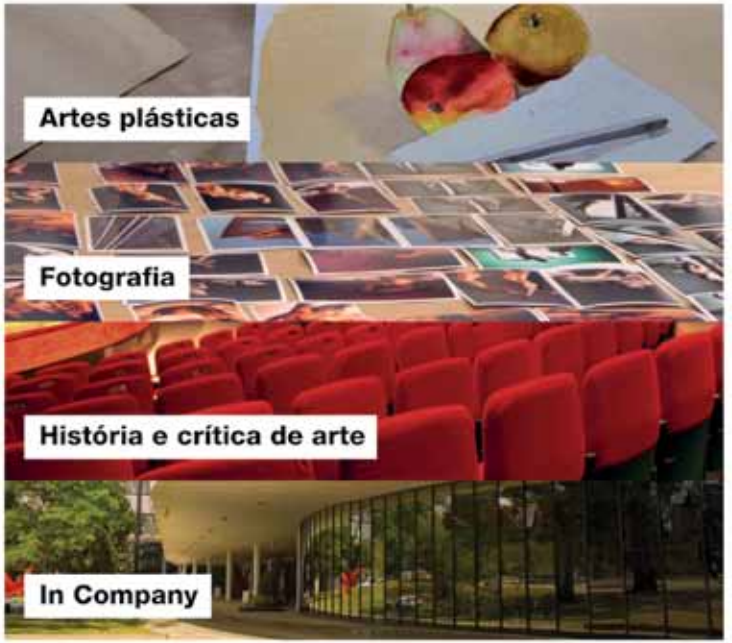
A história do livro se confunde com a história da gravura. O território dos livros se ampliou quando as técnicas da gravura foram incorporadas em sua produção. Primeiro os editores usaram recursos da xilo, depois do metal e, por fim, técnicas da lito. Pode-se dizer que a gravura é a matriz do livro.

Edith Derdyk é uma estudiosa do desenho, a matriz das artes visuais. Quando convidada a desenvolver um trabalho para o Clube de Colecionadores de Gravura, trouxe suas reflexões sobre o desenho para o universo do livro. Ela criou um objeto feito com vários livros recortados e presos por parafusos que, como os próprios livros, trazem vestígios da passagem do tempo. Esse objeto é *Matriz*.

O bloco de livros de uma *Matriz* é único, como única é a imagem fotográfica dele, fixada na caixa de acrílico onde o objeto é mostrado. Nesta apresentação, a mancha impressa do livro se revela de maneira inusitada, ocultando deliberadamente o sentido das palavras. ■

MAGNÓLIA COSTA, crítica de arte

Edith Derdyk (São Paulo, SP, 1955), *Matriz*, 2013. Páginas cortadas de livros, impressão jato de tinta sobre papel, acrílico e ferragem, 15 x 26 x 27,5 cm. Coleção MAM, doação da artista por intermédio do Clube de Colecionadores de Gravura MAM. Foto: Camila Dylis



MANTENEDORES

SÊNIOR PLUS
Conspiração Filmes
Duratex / Deca
Levy & Salomão Advogados

SÊNIOR
AHH!
Almanaque Brasil
Alupar / Cemig
Banco ABC Brasil
BNP Paribas
Bus TV
Canal Arte 1
Carta Capital
DPZ
Editora Trip
Folha de S.Paulo
Klabin
Rádio Eldorado
Revista Select

PLENO
Bolsa de Arte
EMS
IdeaFixa
ING Bank N. V.
Itaú Cultural
Livraria Cultura
Pirelli
PricewaterhouseCoopers
Reserva Cultural
Revista Adega
Revista Brasileiros
Revista Fórum
Sabesp
Saint Paul Escola de Negócios
Seven English – Español
TV Globo

MÁSTER
Alves Tegam
Bamboo
Casa da Chris
Complexo Educacional FMU
Concha y Toro
DM9DDB
Elekeiroz
FIAP
Gusmão & Labrunie – Prop. Intelectual
Instituto Filantropia
KPMG Auditores Independentes
Montana Química

APOIADOR
Amata
Artnexus
Banco BMG
Bloomberg
ICTS Protiviti
Marítima Seguros
O Beijo
Paulista S.A. Empreendimentos
Power Segurança e Vigilância Ltda
Revista Em Condomínios
Revista Piauí
Sanofi
Top Clip Monitoramento & Informação

PROGRAMAS EDUCATIVOS
CSN
Eaton
Gerdau

AGRADECIMENTOS
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo

REALIZAÇÃO

Ministério da
Cultura

sumário

01. **grande sala**
Pintando com luz

06. **sala paulo figueiredo**
Entre tecidos e traquitanas

09. **projeto parede**
Corredor de memórias

10. **perfil contemporâneo**
Entre livros

12. **parceiros**

mam

MODERNO MAM

REALIZAÇÃO
Museu de Arte Moderna
de São Paulo

EDITORA-CHEFE
Magnólia Costa

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Renato Salem

ASSISTENTE EDITORIAL
Rafael Roncato

DESIGN GRÁFICO
BUMMUB

TRATAMENTO DE IMAGENS
Camila Dylis
Flavio Kauffmann

IMAGEM DA CAPA
Abraham Palatnik (Natal, RN, 1928)
Esboços de Aparelhos cinecromáticos, 1950/60.
15 x 20,1 cm. Arquivo do artista.
Foto: Vicente de Mello

IMPRESSÃO
Pigma

TIRAGEM
13.500 exemplares

CONTATO
moderno@mam.org.br

Parque Ibirapuera - Portão 3
tel +55 11 5085 1300
mam.org.br

HORÁRIOS
Terça a domingo e feriados,
das 10h às 18h
Bilheteria até as 17h30

ENTRADA R$ 6,00
Meia-entrada para estudantes, mediante apresentação da carteirinha. Gratuidade para menores de 10 e maiores de 65 anos, sócios e alunos do MAM, funcionários das empresas parceiras e museus, membros do ICOM, AICA e ABCA com identificação, agentes ambientais, da CET, GCM, PM e do Metrô, frentistas e taxistas com identificação e até 4 acompanhantes

ENTRADA GRATUITA AOS DOMINGOS

AGENDAMENTO DE GRUPOS
tel +55 11 5085 1313
educativo@mam.org.br

ACESSO A DEFICIENTES FÍSICOS

ESTACIONAMENTO COM
ZONA AZUL

FOTOGRAFIAS
A fotografia de quaisquer obras expostas deve ser feita exclusivamente para finalidades privadas, sendo vedada sua exposição pública sob qualquer meio ou sua exploração sob qualquer modalidade, nos termos dos artigos 77 a 79 da Lei de Direitos Autorais (Lei nº 6910, de 19 de fevereiro de 1998).

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.